

Credores esperam proposta

tos de US\$ 60 milhões em uma locação onde o sindicato "procura a solução de problemas através do grito e da força".

30 NOV 1985

O GLOBO

de Funaro para negociar

RÉGIS NESTROVSKI
Especial para o GLOBO

NOVA YORK — "Estamos esperando uma proposta do Brasil para começarmos as negociações sobre a dívida externa brasileira. Havia um acordo quase formalizado no início do ano pelos homens do Banco Central e o mesmo foi aperfeiçoado por Dornelles e Lemgruber. Mas até aqui não sabemos o que pensam Funaro e Bracher. Mas todos países que negociamos tiveram algum acordo com o FMI, disse um banqueiro credor americano ao GLOBO, comentando o pacote econômico do Presidente José Sarney.

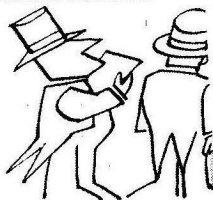
Os banqueiros ainda não sabiam de todas as medidas, mas acham basicamente que são "medidas acertadas para conter a inflação e o déficit público, para que o Brasil tenha um crescimento econômico real em 1986 não mascarado por uma inflação de quase 230 por cento". Aliás, o novo controle da inflação foi objeto de muitas observações.

— Isto virou um jogo de cifras. Cada um terá sua própria interpretação. O que interessa saber é se vão acontecer cortes nos gastos públicos que tenham um impacto decisivo sobre a inflação. Esperamos que os resultados sejam positivos, mas agora a inflação deixou de ser uma cifra para virar um debate. Assim, fica difícil atacar o problema, continuou o banqueiro.

A comunidade financeira não quer comentar e se mostra ainda muito apreensiva quanto ao não pagamento da Resolução 63. O resto não é muito comentado, mas a 63 incide sobre os lucros dos bancos e não se resolvendo esta questão o Brasil vai ter muitos problemas para prorrogar ou manter muitos bancos no atual acordo.

— Não temos um acordo. A fase 3 não foi concluída. Este pacote do Brasil regula coisas técnicas. O que Baker declarou querer são provas. Algo que crie condições para o crescimento econômico do País. Quanto à declaração de não negociar com o FMI, acho que ele disse isso como que para mostrar que primeiramente o Brasil não precisa de dinheiro novo, porque para reescalonar qualquer coisa com os bancos ele vai precisar ter um esquema com o Fundo. Todos os países passaram por lá, até a Venezuela; ou seja, o que queremos são medidas consistentes, algo que propicie o crescimento normal e, lógico, da economia sem gastos fiscais ou subsídios.

O ambiente ainda é muito adverso em Nova York para uma solução dos US\$ 455 milhões da Resolução 63, emprestados aos bancos liquidados na semana passada.



Sem isso, os banqueiros não estão dispostos a negociar muita coisa e o Brasil poderá caminhar para uma séria crise na área da dívida externa já no início de 1986.

— O Ministro da Fazenda pode dizer o que ele quiser, mas queremos apenas uma proposta razoável, concluiu o banqueiro.

O pacote não foi noticiado na imprensa americana. O Financial Times, de Londres, que é publicado em Nova York simultaneamente via satélite, saiu com uma matéria de primeira página com a manchete "Brasil muda imposto e procura corte no déficit". Mas a informação mais importante do jornal não está neste artigo, mas sim em uma matéria vinda de Dusseldorf, onde os bancos americanos estão sendo pressionados pela administração Reagan para apoiar o Plano Baker até o dia 15 de dezembro. As condições, todavia, que os bancos querem para apoiar o plano do Governo americano são três: o crédito será dado depois que o país apresentar um plano econômico tido como racional pelos bancos; os empréstimos devem ser coordenados pelos bancos e pelos governos e, finalmente, que os países endividados incentivem o investimento e a entrada de capital estrangeiro.